

# TEMPO JUVENIL

VOLUME IV

GOVERNO DO ESTADO



SECRETARIA DA EDUCAÇÃO

GOVERNO  
PRESENTE  
FUTURO  
PRA GENTE

**Governador do Estado da Bahia**

Jerônimo Rodrigues Souza

**Vice-Governador do Estado da Bahia**

Geraldo Alves Ferreira Júnior

**Secretária da Educação do Estado da Bahia**

Rowenna dos Santos Brito

**Superintendente de Políticas para a Educação Básica**

Helaine Pereira de Souza

**Diretora de Planejamento e Gestão das Aprendizagens**

Rosa Helena Ribeiro Teixeira

**Coordenador da Educação de Jovens e Adultos**

Alexandro Borges Batista

**Coletivo da Educação de Jovens e Adultos**

Aline Carvalho Reis

Marycarla Mota dos Santos

Paula Tailine Lopes Gomes

Rafael Campos de Jesus

Rose Motta da Silva Gomes

Veronica do Espírito S. Sousa

**Conteúdo e texto**

Alexandro Borges Batista

**Diagramação**

Natasha Morgado – ASCOM/SEC

**Fotos**

Acervo EJA



# Ficha catalográfica

# SUMÁRIO

- ▶ **TEMPO JUVENIL**
- ▶ **A ESCOLA E SUAS ADOLESCÊNCIAS**
- ▶ **OS SUJEITOS DO TEMPO JUVENIL: POR UMA EDUCAÇÃO REVERENCIADA**
- ▶ **EIXOS TEMÁTICOS E A CONDIÇÃO JUVENIL: UM CURRÍCULO QUE ACOLHE E TRANSFORMA**
- ▶ **EIXOS TEMÁTICOS, TEMAS GERADORES E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS PARA A CONDIÇÃO JUVENIL**
- ▶ **PRÁTICA PEDAGÓGICA: O EXERCÍCIO METODOLÓGICO**
- ▶ **AVALIAÇÃO NA EJA: O ACOMPANHAMENTO DE PERCURSO**
- ▶ **CONSIDERAÇÕES FINAIS**
- ▶ **REFERÊNCIAS**



TiRefém

(...) Ultimamente penso em meu futuro  
O que esperar de mim?  
E por que estou aqui?  
Por que não consigo sentir  
O mesmo que sentem por mim?  
Sinto que sempre pago por coisas sem maturidade e atitudes  
Que cometo e cometi.

A vida é assim, um jogo sem fim.

De idas e vindas,  
Cosias boas e ruins, frustrações e realizações  
Mas nem sei o que esperar de mim...  
(Ana Carolina Matos) 1

---

<sup>1</sup> Estudante do Tempo Juvenil Noturno, Etapa VII do Colégio Estadual de Monte Gordo. Projeto FACEMG - TAL. Tempos de Arte Literária, Secretaria Estadual de Educação, 2024.

# APRESENTAÇÃO

Prezados(as) professores(as),

Este caderno nasce como um convite ao diálogo reflexivo sobre a Educação de Jovens e Adultos (EJA), em especial em sua oferta de Tempo Juvenil. Não se pretende aqui esgotar a discussão, mas abrir caminhos para pensar possibilidades diante do fenômeno, da juvenilização, que transforma nossas salas de aula em espaços vivos de encontro entre gerações, experiências e trajetórias de vida. Esse movimento nos impulsiona a olhar com mais atenção para o contexto das unidades escolares e para os processos de ensino e aprendizagem, reconhecendo tanto os desafios quanto as oportunidades que emergem desse cenário.

Educação de Jovens e Adultos (EJA) é, por essência, um espaço de inclusão e resistência. Surge marcada pelas desigualdades históricas, mas carrega consigo o desafio de desconstruí-las, oferecendo trajetórias de aprendizagem que respeitem as identidades e a diversidade social, de gênero, étnico-racial, cultural e geracional de cada estudante. Nosso desafio é olhar atentamente para o tempo humano dos(as) adolescentes, elaborando propostas pedagógicas que contemplem seus ritmos, descobertas, pausas e acelerações, assim como sua luta cotidiana pela sobrevivência enquanto estudantes que trabalham. Trata-se de compreender que cada sujeito traz consigo uma trajetória singular e que a escola, ao acolhê-lo(a), oferece a possibilidade de reescrever sonhos, planos e caminhos interrompidos.

Que este material seja, portanto, uma ponte, uma inspiração, uma mola propulsora para repensar os processos de ensino e aprendizagem e as conjecturas pedagógicas presentes no fazer educativo da Educação de Jovens e Adultos em nossas unidades escolares. Que possamos, juntos, repensar e reinventar a prática pedagógica, alinhando saberes, experiências e possibilidades, de modo que a oferta do Tempo Juvenil seja potencializada por essa juventude presente nas nossas salas de aula.

Com afeto,

**Alexandro Borges Batista**  
**Coordenador da Educação de Jovens e Adultos**

# TEMPO JUVENIL

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) no Brasil tem vivenciado, nas últimas décadas, um fenômeno social denominado juvenilização da EJA. Esse processo, também presente em nossa rede estadual, está profundamente relacionado às condições sociais de nossos(as) estudantes, historicamente atravessadas pela desigualdade. Suas trajetórias, marcadas pela luta, pela sobrevivência, pela precarização do trabalho e pela vulnerabilidade social, afetam diretamente a condição juvenil e sua relação com a escola, resultando em percursos escolares descontínuos, com sucessivas retenções e elevados índices de evasão.

A inserção de adolescentes na Educação de Jovens e Adultos exige um olhar atento à pluralidade das juventudes. Esses sujeitos trazem consigo práticas sociais e culturais diversas, modos particulares de inserção no mundo do trabalho, redes de sociabilidade que os sustentam e também as marcas da falta de acesso a espaços de lazer e de formação cidadã. Como destacam Dayrell (2007) e Carrano (2009), compreender suas trajetórias implica reconhecer os sentidos, as motivações e os obstáculos que atravessam sua permanência ou ruptura nos processos educativos. Trata-se, portanto, de reconhecer que a juventude que chega à EJA não é homogênea, mas múltipla, e que suas especificidades demandam respostas igualmente diversas, criativas e contextualizadas.

Nesse cenário emergente, fez-se necessária a criação de uma oferta específica para jovens de 15 a 17 anos. A Câmara de Educação Básica do Conselho Nacional de Educação (CNE) reconheceu que os sistemas de ensino podem definir a idade mínima para ingresso nos cursos da EJA. Contudo, seria contraditório permitir o acesso por meio de exames apenas a partir de determinada idade e, ao mesmo tempo, negar a possibilidade de matrícula em cursos regulares antes desse marco.

Assim, a Resolução CNE/CEB nº 3/2010, em seu art. 5º, parágrafo único, inciso II, orientou os sistemas de ensino a elaborarem uma política própria para o atendimento de adolescentes nessa faixa etária. Essa diretriz foi reforçada pelo Parecer CNE/CEB nº 6/2010, que estabeleceu o ano de 2013 como o marco a partir do qual a EJA deveria se destinar prioritariamente a maiores de 18 anos, o que evidencia ainda mais a urgência de estratégias específicas para adolescentes que, embora não tenham alcançado a maioridade, já buscam e necessitam de oportunidades de escolarização.

A presença de adolescentes na EJA, em sua maioria no turno noturno, evidencia a atualização das desigualdades e a urgência das políticas públicas voltadas à juventude. Como observa Sposito (2003):

As formulações diferenciais que pressupõem formas de interação com os atores jovens não são construídas apenas com base em uma imagem do que se pensa sobre a juventude na sociedade, mas decorrem, também, de uma clara concepção de modos de praticar a ação política, do exercício do governo (abertura ou não de canais de participação dos atores/formas de parceria etc.) e das relações com a sociedade civil na construção da esfera pública (2003, p. 24). Sposito.

A partir desse cenário, a escola é tensionada a responder às demandas sociais mais amplas, atuando em um campo de contradições em que precisa conciliar o direito à educação com as urgências da sobrevivência juvenil. Esse contexto evidencia as fragilidades das políticas públicas voltadas à juventude e aponta para a necessidade de atualização de medidas que assegurem a permanência desses(as) adolescentes em seu percurso escolar, possibilitando-lhes aproveitar as oportunidades próprias de sua condição juvenil.

Nesse sentido, a educação, para além de um direito a ser garantido pelo Estado, assume também um papel fundamental de socialização e compensação para sujeitos que tiveram negada a vivência plena de seu tempo humano. Assim, a EJA se vê desafiada a expandir sua abordagem, indo além da função reparadora para incorporar, de modo efetivo, as funções de inclusão e proteção social desses(as) adolescentes trabalhadores(as), que reivindicam novos e legítimos espaços de acesso e reconhecimento.

Esse tensionamento evidencia o quanto a modalidade precisa dialogar com as novas configurações da juventude no país e, conseqüentemente, de seus territórios. A inclusão dos(as) adolescentes trabalhadores(as) na modalidade coloca em debate o papel social da escola e exige repensar tanto suas metodologias quanto sua função na produção de sentidos para esses(as) jovens. Como afirma Dayrell, “(...) o mundo do trabalho aparece como uma mediação efetiva e simbólica na experimentação da condição juvenil, podendo-se afirmar que “o trabalho também faz a juventude”, mesmo considerando a diversidade existente de situações e posturas por parte dos jovens em relação ao trabalho” (Sposito, 2005 in Dayrell, 2007).

A relação dos sujeitos com os saberes não é neutra: ela é atravessada por condições sociais, culturais e afetivas que influenciam a forma como o(a) jovem percebe a escola e sua função como espaço de vivência prática. Por isso, a permanência desses(as) adolescentes na EJA depende não apenas do acesso formal, mas também da construção de vínculos de pertencimento e do reconhecimento de suas experiências de vida como legítimas e formadoras no processo de desenvolvimento de competências e habilidades.

Diante desse campo de contradições, reconfigurações e desafios pedagógicos, a EJA enfrenta um duplo desafio: assegurar a escolarização reparadora dos sujeitos historicamente excluídos e, simultaneamente, acolher as novas demandas que emergem da condição juvenil em contextos de desigualdade. Diante da presença crescente, e irreversível, da juventude em suas unidades escolares, a modalidade se vê desafiada a construir um currículo que dialogue com o tempo humano e com o mundo do trabalho desses sujeitos, mas que não se restrinja a eles.

É nesse horizonte que o Tempo Juvenil se insere como uma proposta que busca articular direito à educação, proteção social e valorização do tempo humano desses(as) jovens. A oferta educacional Tempo Juvenil I e II para a Educação Básica, Ensino Fundamental e Médio, configura-se como uma referência para a efetivação de uma política própria de atendimento aos(as) estudantes adolescentes de 15 (quinze) a 17 (dezessete) anos. Essa proposta tem como finalidade garantir a utilização de mecanismos pedagógicos específicos, que dialoguem seu tempo humano, suas experiências e suas condições concretas de vida.

A arquitetura curricular do Tempo Juvenil assemelha-se ao Tempo Formativo I e II, compreendendo em sete anos as sete etapas de aprendizagem, preservando a mesma organização curricular, que é o marcador da EJA. Todavia, distingue-se pela abordagem dos Temas Geradores, que devem ser concebidos a partir das necessidades de aprendizagem dos(as) adolescentes. A adolescência exige mudança de perspectiva e a escola precisa se tornar espaço de reconhecimento e de diferenciação, condição essencial para que essa experiência educativa faça sentido e contribua para o crescimento dos sujeitos. As tensões e os desafios que marcam a relação da juventude com e na escola são reflexos de transformações sociais profundas que atravessam o mundo contemporâneo, reorganizando tempos, espaços e modos de socialização.

---

<sup>2</sup> (Resolução CNE/CEB nº 3/2010, art. 2º, parágrafo único, inciso II e CEE/BA nº 239/2011, art. 6º, §§1º e 2º e a Resolução CEE nº 53/2018, que dispõe sobre a oferta da Educação Básica para adolescentes e jovens em cumprimento de medidas socioeducativas, pelo Sistema Estadual de Ensino da Bahia

Nesse alinhamento, o desafio da escola e da EJA é construir um currículo que articule trabalho, cultura, identidade e futuro. Um currículo que não reduza os(as) jovens à dimensão produtiva, mas que valorize seus repertórios culturais, suas linguagens e suas formas de resistência. Esse currículo deve reconhecer os(as) adolescentes não apenas como trabalhadores(as) em formação, mas sobretudo como jovens que sonham, produzem cultura, resistem e projetam futuros, corroborando o pensamento de Dayrell, que afirma:

(...) com todos os limites dados pelo lugar social que ocupam, não podemos esquecer o aparente óbvio: eles são jovens, amam, sofrem, divertem-se, pensam a respeito das suas condições e de suas experiências de vida, posicionam-se diante dela, possuem desejos e propostas de melhorias de vida (Dayrell 2007, p. 1.109)

Cabe ressaltar que no contexto das desigualdades sociais, a figura do(a) adolescente trabalhador(a) impõe à escola e ao fazer pedagógico a necessidade de um novo olhar sobre o planejamento, a execução das aulas e a organização curricular. Nesse sentido, trata-se de reconhecer o Tempo Juvenil como tempo de passagem e de invenção, em que a educação pode ser tanto espaço de inserção no mundo do trabalho quanto espaço de construção de projetos de vida, de exercício de direitos e de emancipação.

## **A ESCOLA E SUAS ADOLESCÊNCIAS**

A adolescência, esse tempo de travessia, muitas vezes se revela como uma fase dura, quase perversa. O corpo se transforma, a identidade se reinventa, e o(a) jovem se vê obrigado(a) a enfrentar não apenas seus próprios espelhos, mas também os olhares dos outros. No espaço da escola, lugar que deveria acolher sonhos e descobertas, surgem também as sombras da intolerância, manifestas nas diferenças de cor, fé, desejos, modos de ser, corpos ou mesmo no nome, que constitui parte da existência, no sobrenome que se carrega, na performance corporal, no jeito de andar, falar, vestir e se apresentar. Todos esses elementos podem se tornar alvos de violência, feridas, dores e perseguições. Os números do contexto educacional apenas reforçam a dimensão dessa dor.

A Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (Pense, 2019) mostra que quase um em cada quatro estudantes de 13 a 17 anos já foi vítima de bullying. É como se, em cada sala de aula, houvesse alguém carregando a marca da exclusão. Os levantamentos indicam que os meninos aparecem com maior frequência como autores dessas práticas, e capitais como São Paulo registram índices ainda mais altos. Esses números não são

apenas estatísticas: são pessoas, histórias interrompidas, silêncios forçados, sonhos que poderiam florescer, mas que, em vez disso, são podados pelo riso cruel, pela rejeição e pela violência, física e simbólica.

Falar de currículo para jovens é também falar de cuidado e acolhimento, é reconhecer que a escola precisa ser um lugar de pertencimento, onde a diferença deva ser potência para aprender e conviver. Todavia, é importante destacar a lógica estruturante que sustenta e reproduz esses discursos no ambiente escolar, pois são narrativas que, em vez de acolher, muitas vezes constroem identidades estigmatizadas, alimentam preconceitos e cristalizam estereótipos. Assim, a escola pode se tornar tanto um espaço de pertencimento e reconhecimento, quanto de exclusão e silenciamento, agregando alguns sujeitos ao coletivo, ao mesmo tempo que rejeita e marginaliza outros. É justamente aqui que o currículo assume papel estratégico. Ele não pode ser, apenas, uma lista de competências e habilidades a serem ensinadas, mas um campo de possibilidades e construções de narrativas e vivências positivadas para além de disputas simbólicas, um exercício na construção de uma sociedade mais justa e plural.

A concepção do Tempo Juvenil, articulada à estrutura dos Eixos Temáticos e de seus Temas Geradores, constitui um instrumento potente, capaz de articular o aspecto pedagógico com a vivência da condição juvenil. Mais do que organizar saberes, trata-se de uma ação pedagógica voltada à construção de um currículo que promova o diálogo entre o saber institucional e os saberes das experiências dos(as) estudantes na construção de sentidos individuais e coletivos. Esse currículo não deve reforçar padrões dominantes, legitimadores de desigualdades e naturalizadores de violências. Pelo contrário, ele precisa se comprometer com a diversidade e com as culturas juvenis, transformando-se em ferramenta de emancipação e abrindo possibilidades para que os(as) jovens se percebam como sujeitos de direitos, produtores de cultura e protagonistas dos próprios futuros.

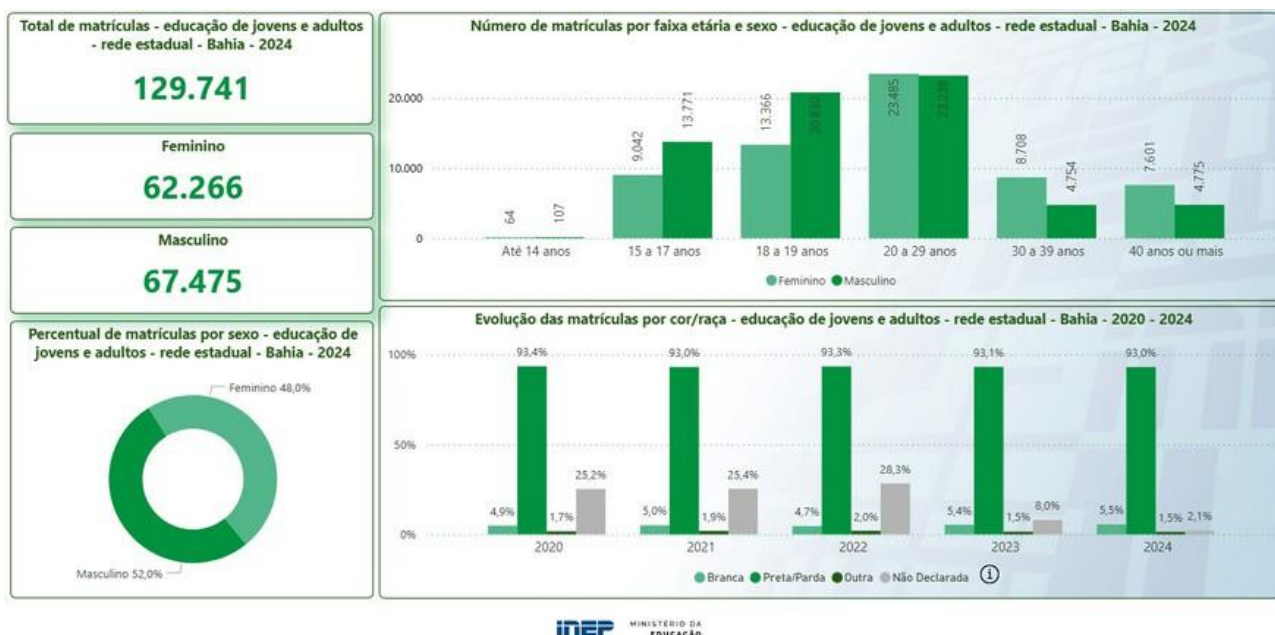
Ao colocar a juventude no centro da concepção curricular da EJA, a intencionalidade pedagógica passa a ser a de responder aos desafios do tempo juvenil, reconhecendo seus conflitos, tensões e potências. É nesse horizonte que os Eixos Temáticos ganham centralidade pela sua abrangência conceitual e pela capacidade de produzir leituras críticas da realidade, que emergem das práticas dialógicas no ambiente escolar, do encontro de subjetividades que alimenta o currículo oculto da escola, incorpora arranjos culturais, econômicos e simbólicos. Ao pensar sobre essa conjectura, é pertinente evocar a reflexão de Michel Foucault (1984), ao destacar que a escola é também um espaço de controle, onde se exerce o poder e o poder-saber. Nesse sentido, o conhecimento torna-se hegemônico quando define sobre o que se fala, quando se fala e de que forma se fala. A escola, assim, é ao mesmo tempo um lugar de grande potencial educativo

e de reprodução de hierarquias, espaço privilegiado para a socialização de saberes, por agregar diferentes atores e marcadores sociais (classe, raça, gênero, geração), mas também palco de tensões em que determinados discursos se cristalizam e outros são silenciados. Reconhecer essa ambiguidade é essencial. Se, de um lado, a escola pode se configurar como um espaço de reprodução de exclusões, de outro, quando orientada por um currículo crítico e plural, ela pode se tornar um território de resistência e reinvenção da experiência juvenil, em que os saberes deixam de ser instrumentos de controle para se converter em caminhos de emancipação.

## **OS SUJEITOS DO TEMPO JUVENIL: POR UMA EDUCAÇÃO REVERENCIADA**

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) da rede estadual da Bahia vem, ao longo dos anos, vivenciando um processo de juvenilização. Esse fenômeno se caracteriza pelo aumento da presença de jovens e adolescentes em uma modalidade que, historicamente, foi frequentada majoritariamente por adultos. Vale destacar que essa tendência não se restringe à Bahia, sendo observada em diversas redes de EJA pelo Brasil. Em nossa rede estadual, cerca de 80% dos(as) estudantes têm menos de 25 anos. Esse fenômeno reflete múltiplas razões, como a luta cotidiana pela sobrevivência, os desafios impostos pelo mundo do trabalho, a exclusão ou interrupção de trajetórias no sistema escolar convencional, entre outras questões sociais e educativas.

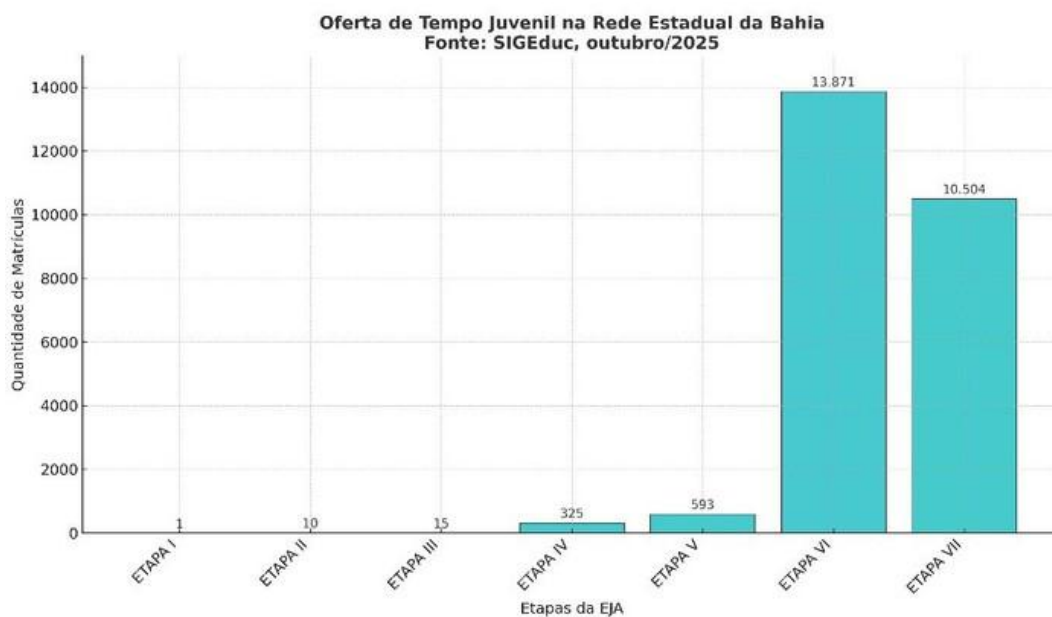
Recorrendo aos dados do Inep (2024), é possível vislumbrar uma fotografia atualizada da EJA na rede estadual, evidenciando tanto o perfil dos(as) estudantes quanto os desafios e possibilidades que permeiam essa etapa educativa, tanto para a Secretaria da Educação quanto para as unidades escolares. Os indicadores apresentados no gráfico a seguir ilustram essa realidade e abrem caminhos para a reflexão sobre a necessidade de práticas pedagógicas que reconheçam, reverenciem e valorizem os sujeitos que compõem o Tempo Juvenil.



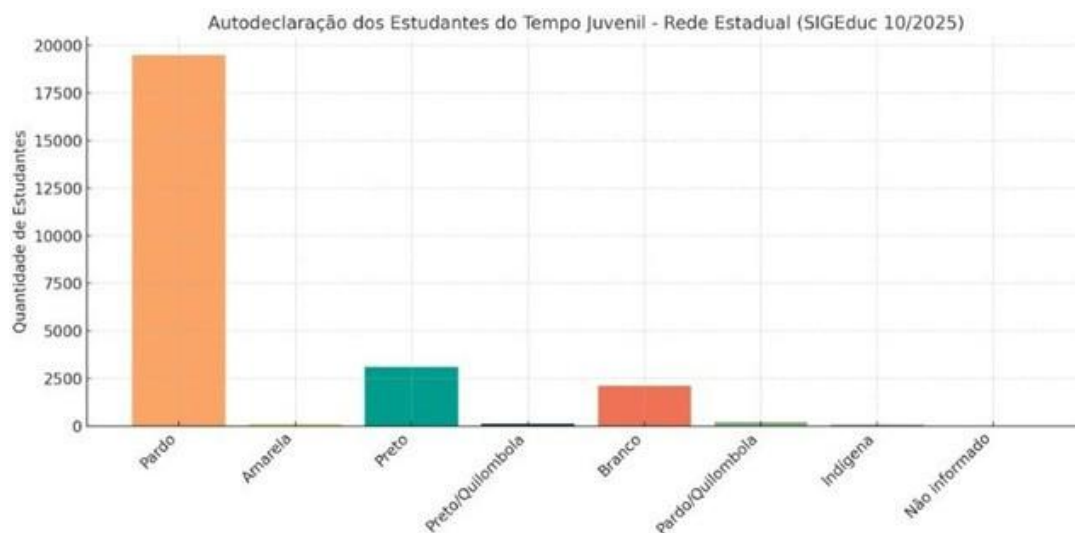
Diante do exposto, é possível constatar que a rede é composta, em sua maioria, por estudantes do gênero masculino, com predominância de pessoas com menos de 25 anos. A maior parte desses estudantes se autodeclara preta ou parda, categorias que, de acordo com o IBGE, integram o grupo negros. Esses dados evidenciam o marcador racial como elemento estruturante da modalidade e que, portanto, não deve ser negligenciado na elaboração das ações pedagógicas nas escolas, ou seja, na construção do currículo.

Esse cenário nos convoca a pensar um currículo afrocentrado, que valorize o combate às desigualdades raciais e incorpore as epistemologias africanas e afro-diaspóricas ao cotidiano escolar, rompendo com as narrativas eurocêntricas, que têm perpetuado estereótipos e preconceitos sustentadores do pensamento hegemônico e, portanto, excludente. Trata-se de fazer valer a aplicabilidade das Leis nº 10.639/03 e nº 11.645/08, reforçando a importância de uma abordagem pedagógica que valorize a diversidade étnico-racial, organize-se em torno de atitudes antirracistas e considere as trajetórias específicas desses(as) jovens negros(as) no contexto educativo e de trabalho.

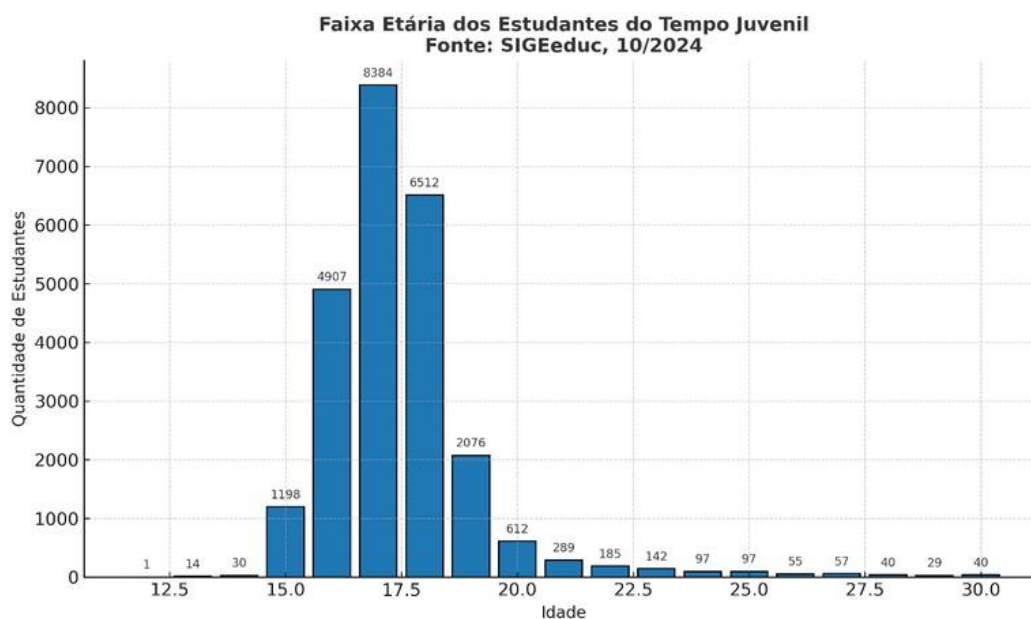
No que se refere, exclusivamente, ao Tempo Juvenil, no Sistema Integrado de Gestão da Educação do Estado da Bahia, contabiliza-se um total aproximado de 25 mil estudantes, distribuídos entre as diferentes etapas. A partir da análise do gráfico de matrículas, observa-se uma maior concentração nas Etapas VI e VII. Em proporção menor, situam-se as Etapas IV e V, enquanto as etapas iniciais (II e III) apresentam quantitativos significativamente inferiores.



No que tange à questão identitária, a maioria dos(as) estudantes se autodeclara negra, categoria que, conforme a classificação do IBGE, abrange as pessoas pardas e pretas. Essa distribuição pode ser visualizada no gráfico a seguir.



Ao analisar a faixa etária, observa-se que a maioria dos(as) estudantes tem 17 anos. No entanto, a maior concentração no Tempo Juvenil está entre 16 e 18 anos de idade.



A presença de jovens na EJA, majoritariamente no período noturno, transforma os espaços escolares em territórios vivos de encontro entre gerações. É comum que surjam movimentos e tensões entre quem chega com pouca experiência de vida e aqueles que já carregam histórias longas de vivências, desafios e aprendizados.

Esse novo perfil de alunos muito jovens pressiona os indicadores de não permanência nas escolas da EJA e tem aguçado a preocupação por estarem na convivência de pessoas com maior idade e mais experiência de vida, gerando uma necessidade latente de práticas pedagógicas que agreguem valores e contemplem a variação etária vivida na sala de aula. Por isso, acautelamos a necessidade de acompanhar os conflitos, promover a compreensão e o respeito aos saberes, valorizar a trajetória social, histórica e cultural de cada aluno, de forma a contribuir para que tanto o mais jovem quanto o mais adulto não percam o estímulo e desanimem diante das dificuldades e dos obstáculos encontrados nos processos de retorno à escola (SOUZA FILHO, et al., 2021, p. 724).

Esse cenário nos convida a repensar a prática pedagógica e a nos mobilizar em torno de um projeto de escola ancorado no Projeto Político-Pedagógico (PPP) da unidade escolar. É fundamental acompanhar e mediar os conflitos, estimular o diálogo, valorizar os saberes e as trajetórias sociais, históricas e culturais de cada estudante, além de estabelecer um planejamento estratégico de atuação da escola. Somente assim será possível construir uma EJA verdadeiramente inclusiva e formativa, em que tanto os mais jovens quanto os adultos encontrem respeito, motivação e estímulo para continuar aprendendo, mesmo diante dos desafios de retornar à escola.

Conciliar as expectativas dos(as) estudantes do Tempo Juvenil com a concepção fundante da modalidade EJA constitui, ao mesmo tempo, um desafio e uma oportunidade que cada unidade de ensino precisa assumir, considerando o contexto em que está inserida

e seus múltiplos marcadores sociais de cor, gênero, território, classe, entre outros. Em uma sociedade ainda marcada pela lógica equivocada da meritocracia e pelo individualismo, a EJA se afirma como contraponto e resistência ao propor um modo próprio de conceber o processo de escolarização e ao abrir novas possibilidades no ensino e na aprendizagem, sem abdicar da qualidade nem da construção crítica do saber.

A juvenilização que hoje atravessa a EJA impõe à modalidade, e às políticas públicas que a sustentam, o desafio de desenvolver um olhar mais atento e sensível aos procedimentos pedagógicos adotados para esse público. É preciso garantir que a EJA não se afaste de sua essência, da emancipação do sujeito e do exercício pleno da cidadania em meio a um contexto de exclusão, mas também consiga abarcar esse contingente de estudantes que, já tão novos(as), vivenciam as desigualdades, tanto materiais quanto simbólicas.

Em suma, a EJA é um espaço de respiro coletivo, de uma postura pedagógica mais democrática e acolhedora. Portanto, aprender não é competir, mas partilhar; não é disputar, mas reconhecer-se no outro. É um exercício de construção de novas formas de relação consigo, com os outros e com o mundo. Talvez seja, por trazer essa marca de transformação tão importante que, no âmbito das políticas públicas, enfrenta barreiras maiores do que as habituais, que o orçamento destinado à modalidade seja sempre uma arena de disputa e seu merecimento, tantas vezes, injustamente questionado. Ainda assim, a EJA resiste, porque, para além de uma política pública de direito, ela é recomposição, memória e futuro entrelaçados. É a possibilidade de redirecionar a escola e de reinventar o próprio sentido de ensinar, uma tessitura de sujeitos, sonhos e amor. Como diz Paulo Freire, “não há educação sem amor” (1982, p. 29).



# **EIXOS TEMÁTICOS E A CONDIÇÃO JUVENIL: UM CURRÍCULO QUE ACOLHE E TRANSFORMA**

Os eixos temáticos não são apenas categorias de conhecimento, mas constituem um campo de debates e de sentidos que convoca a escola a refletir sobre questões estruturais da sociedade e a construir práticas pedagógicas que não apenas informam, mas também transformam. Ao mesmo tempo, oferecem ao docente uma trilha analítica e reflexiva para orientar sua prática, permitindo que o currículo dialogue com o mundo do trabalho, com as culturas juvenis, com a produção da diferença e com a afirmação dos direitos. A estrutura curricular da EJA, organizada pelos Eixos Temáticos, contempla:

## **I – Juventudes, Identidades e Culturas Afro-Indígenas e Tradicionais**

Compreende o reconhecimento das múltiplas juventudes, a valorização das identidades juvenis e o fortalecimento das culturas afro-brasileiras, indígenas, quilombolas, rurais e tradicionais, assegurando o enfrentamento das discriminações e a promoção da igualdade.

## **II – Direitos Humanos, Cidadanias Plurais e Florestania**

Abrange a formação em direitos humanos, participação juvenil, cultura da paz e democracia, bem como as cidadanias urbana, rural, ambiental e territorial, incluindo o conceito de florestania como expressão dos direitos vinculados às florestas, ao campo, às águas e aos bens comuns.

## **III – Territórios Juvenis, Ruralidades, Culturas Urbanas e Movimentos Sociais**

Trata da compreensão dos territórios onde vivem os(as) estudantes, valorizando dinâmicas rurais e urbanas, expressões culturais juvenis, relações comunitárias e a participação dos jovens em movimentos sociais e coletivos.

## **IV – Natureza, Meio Ambiente, Sustentabilidade e Ecologias**

Contempla a relação ética e sustentável com a natureza, incluindo educação ambiental, mudanças climáticas, agroecologia, agricultura familiar, extrativismos sustentáveis e práticas de cuidado com o território e os bens naturais.

## **V – Saúde Integral e Educação para as Sexualidades**

Inclui ações formativas voltadas à saúde física, emocional e mental, autocuidado, prevenção, proteção contra violências e educação para as sexualidades, considerando as especificidades do desenvolvimento juvenil, as relações de gênero, identidades sexuais e expressões sexuais.

## **VI – Ciência, Tecnologia, mundo do trabalho**

Envolve o acesso ao pensamento científico, às tecnologias digitais, às transformações do mundo do trabalho urbano e rural, e à elaboração de projetos de inserção ao mundo do trabalho que expressem os interesses, potencialidades e perspectivas dos(as) estudantes.

## **VII – Economia Solidária, Educação Financeira e Modos de Produção do Campo e da Cidade**

Refere-se à compreensão das dinâmicas econômicas, ao planejamento financeiro, ao consumo consciente, ao cooperativismo, às práticas de economia solidária e aos modos de produção rurais e urbanos, observando as realidades dos territórios.

Ao articular Eixos Temáticos, Temas Geradores e saberes dos componentes curriculares, o currículo da EJA torna-se um instrumento fundamental para a formação dos(as) estudantes, para o acolhimento das diversidades, para a reflexão crítica sobre as desigualdades e para a transformação da experiência juvenil. Contribui, ainda, para apoiar a construção ou reconstrução das trajetórias escolares, de acordo com os projetos de futuro de cada jovem. Cada eixo deve estabelecer conexão com a vida dos(as) estudantes, promovendo protagonismo, reconhecimento cultural e a construção de sentidos tanto para a aprendizagem quanto para a vida.

# EIXOS TEMÁTICOS, TEMAS GERADORES E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS PARA A CONDIÇÃO JUVENIL

O currículo da EJA é um rio de encontros: carrega memórias, saberes e esperanças. Seu sentido maior é devolver ao(a) estudante o direito de ser protagonista da própria história, resgatando sua trajetória escolar e transformando-a em horizonte de possibilidades. As aulas, nesse movimento, não podem ser apenas repetições de conteúdo, precisam ser espaços vivos de trocas, partilhas e reinvenções, nos quais o saber dialoga com a vida e a vida ilumina o saber.

É nesse espírito que apresentamos um exemplo hipotético, um exercício reflexivo de aproximação entre o eixo temático Identidades, Cultura e Relações Étnico-Raciais e um possível Tema Gerador. Trata-se do movimento de trazer para a prática cotidiana da sala de aula a potência de criar pontes entre o currículo e o mundo vivido pelos(as) estudantes. Esse esboço não pretende oferecer respostas prontas, mas sim funcionar como disparador de ideias, uma centelha capaz de inspirar os(as) professores(as) na tessitura de suas aulas. É importante ressaltar que não se trata de uma construção individual, mas coletiva. Essa construção deve ser elaborada nos espaços institucionais que permeiam a EJA, em que cada educador e educadora traz sua voz, compondo juntos a polifonia do ensinar e do aprender.



# PRÁTICA PEDAGÓGICA: O EXERCÍCIO METODOLÓGICO

A atuação pedagógica é um ato de criação e encontro que não se limita a transmitir conteúdos, mas se abre como uma roda de diálogo, em que professores(as) e estudantes partilham saberes, experiências e sonhos. Nesse espaço, cada voz conta, cada história ilumina, e o aprendizado se torna uma construção viva, enraizada no contexto social, territorial e cultural dos sujeitos que o protagonizam.

O trabalho com temas geradores favorece essa dinâmica de trocas, pois amplia horizontes e permite que diferentes áreas do conhecimento se encontrem em diálogo. Assim, a sala de aula deixa de ser um lugar fragmentado e passa a ser um território de conexões, onde a interdisciplinaridade não é apenas uma possibilidade pedagógica, mas um recurso político que dá sentido ao aprender. Propor atividades a partir dessa perspectiva é criar caminhos para que o currículo respire a vida. É transformar cada componente curricular em possibilidade de reflexão crítica, em exercício de leitura do mundo, em oportunidade de reconstruir identidades e fortalecer pertencimentos.

A seguir, apresentamos algumas sugestões possíveis, organizadas por áreas, não como receitas prontas, mas como sementes de ideias a serem cultivadas, recriadas e reinventadas no cotidiano da EJA. Antes de apresentar as ideias propostas para os componentes curriculares, é importante destacar um momento fundamental nas aulas da EJA, que é a roda de conversa. Instaurar essa prática em sala é um gesto pedagógico potente, capaz de romper paradigmas e modelos instrucionais que ainda ecoam na memória escolar de muitos(as) estudantes. A roda é convite e partilha, é o momento em que o(a) estudante deixa de ser apenas espectador(a) e se torna protagonista do processo de aprender. Nela circulam não apenas informações, mas também sonhos, perspectivas, anseios e propósitos, ela se configura como um espaço de escuta e de fala, de construção coletiva de sentidos, que precisa ser cultivado no cotidiano das aulas. Sempre que possível, até mesmo a disposição das cadeiras pode acompanhar essa sintonia, criar um círculo que acolhe e une, simbolizando não só o movimento das ideias, mas também o encontro dos corpos, das pessoas e de suas histórias.

A seguir, apresentam-se algumas ideias de atividades possíveis a partir do quadro construído com as iniciativas do Eixo: Juventudes, Identidades e Culturas Afro-Indígenas e Tradicionais. As propostas visam fortalecer o reconhecimento das identidades individuais e coletivas, valorizar as expressões culturais locais e ampliar a compreensão crítica sobre as relações étnico-raciais no cotidiano escolar. Tais atividades podem ser desenvolvidas de forma interdisciplinar, promovendo o diálogo entre diferentes áreas do conhecimento e incentivando a participação ativa dos(as) estudantes na construção de saberes significativos.

## Quadro Interdisciplinar – Atividades e saberes necessários

Eixos: Juventudes, Identidades e Culturas Afro-Indígenas e Tradicionais	Linguagens	Ciências Humanas	Matemática	Ciências da Natureza
<p><b>Tema Gerador: Eu sou porque nós somos</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Leitura: Oralidade, argumentação, narrativas autobiográficas, gêneros orais;</li> <li>• Escrita: relatos, memórias, reportagens;</li> <li>• Multiletramentos digitais (textos digitais, diagramação, mídias sociais).</li> <li>• Literatura afro-brasileira, indígena e marginal;</li> <li>• Produção de textos escritos e multissemióticos;</li> <li>• Expressão oral: Poesias, contos;</li> <li>• Quadrinhos, legendas, ditados populares;</li> <li>• Exposição de Fotografias;</li> <li>• Roteiros;</li> <li>• Produção de vídeos;</li> <li>• Cartas pedagógicas;</li> <li>• Linguagens e práticas culturais;</li> <li>• Conhecimentos de gramática textual aos textos produzidos na vivência em sala.</li> </ul>	<p><b>História:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• História da África, dos povos indígenas e afro-brasileiros;</li> <li>• História da resistência cultural;</li> <li>• História local e oral;</li> <li>• Movimentos diásporos;</li> <li>• Pequena África;</li> </ul> <p><b>Geografia:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Territórios, processos migratórios;</li> <li>• Racismo ambiental;</li> <li>• Especulação imobiliária e negritude;</li> <li>• Violência e movimento facionado na reorganização da cidade;</li> <li>• Marco legal;</li> <li>• Florestania x cidadania;</li> </ul> <p><b>Sociologia:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Identidades;</li> <li>• Diversidade e pertencimento;</li> <li>• Cultura material e ancestral;</li> <li>• Racismo estrutural;</li> <li>• Ubuntu, aquilombamento;</li> </ul> <p><b>Filosofia:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Ética e reconhecimento;</li> <li>• Movimento social;</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Tabelas e Gráficos- Representar dados sobre desigualdade racial (educação, renda, violência, saúde).</li> <li>• Porcentagem e Estatística - Medir desigualdades: Geometria (formas, simetria, mosaicos) - Arte e identidade em grafismos indígenas, adinkras africanos e mosaicos islâmicos.</li> <li>• Análise Combinatória e Probabilidade;</li> <li>• Diversidade genética e fenotípica das populações humanas.</li> <li>• Geometria Espacial</li> <li>• - Arquitetura e construções tradicionais (oca, quilombo, pirâmides africanas).</li> <li>• Matemática Financeira</li> <li>• Desigualdade de renda e concentração de riqueza no Brasil.</li> </ul>	<p><b>Química:</b></p> <p>Cabelos ancestrais, a química está nos fios:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Reações químicas: oxidação, redução, equilíbrio químico.</li> <li>• Ligações de hidrogênio; propriedades da água; polaridade.</li> <li>• Compostos orgânicos, pigmentos, química da cor e absorção da luz.</li> <li>• Química inorgânica: sais minerais, oligoelementos, tabela periódica.</li> <li>• Reações químicas: oxidação, redução, equilíbrio químico.</li> </ul> <p><b>Física:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Astronomia e Cosmologia;</li> <li>• Saberes indígenas e africanos sobre o céu, o tempo e a agricultura.</li> <li>• Eletromagnetismo;</li> <li>• Inclusão digital e acesso à tecnologia (celulares, internet, rádio comunitária).</li> <li>• Som e Ondas;</li> <li>• Música afro-brasileira, indígena e periférica como fenômeno físico.</li> <li>• Cinemática (velocidade e movimento), tempo.</li> </ul> <p><b>Biologia:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Genética: Genótipo e Fenótipo;</li> <li>• Saúde da População Negra e Indígena;</li> <li>• Ecologia e Biodiversidade;</li> <li>• Biotecnologia e Identidade - Testes de DNA para “descoberta de ancestralidade”;</li> </ul>

## Linguagens:

### Língua Portuguesa, Língua Estrangeira e Educação Física

- ⇒ **Roda de conversa** sobre identidade, ancestralidade e pertencimento;
- ⇒ **Produção de murais ou revistas digitais** com histórias de vida e memórias familiares;
- ⇒ **Oficinas de literatura, música e dança**, valorizando as culturas afro-brasileira, indígena e periférica;
- ⇒ **Exposição de objetos de pertencimento** que representem trajetórias pessoais ou coletivas;
- ⇒ **Trabalhos com gêneros textuais**, como poesia, cordel, rap e slam;
- ⇒ **Produção visual e design gráfico** voltados à representação das identidades e das lutas sociais.

## Ciências Humanas

### Geografia

- ⇒ **Mapa afetivo dos(as) estudantes:** desenhar e compartilhar lugares de origem, de passagem e de pertencimento, relacionando-os às memórias e identidades pessoais; **Debate sobre territórios quilombolas e indígenas no Brasil contemporâneo**, destacando suas lutas por reconhecimento e demarcação;
- ⇒ **Construção de mural temático:** “*Onde cabem nossas culturas no mapa do Brasil?*”, atividade coletiva que integra pesquisa, artes visuais e reflexão geográfica; **Elaboração de tabela ilustrativa** sobre a especulação imobiliária e seus efeitos na vida social, abordando temas como desigualdade urbana, gentrificação e direito à cidade.

### História

- ⇒ **Linha do tempo coletiva:** construir uma linha do tempo com os marcos históricos das resistências negra e indígena, incluindo acontecimentos locais e nacionais; **Exibição e debate de trechos de filmes e documentários**, como *Amistad*, *Besouro*, *Aruanda* e *Amazônia Sociedade Anônima*, seguidos de rodas de conversa sobre as representações históricas e culturais apresentadas;
- ⇒ **Criação de um livro coletivo** com narrativas sobre “as personagens que a História não contou”, a partir do cotidiano dos(as) estudantes, de suas comunidades e de suas referências familiares e culturais.

## Sociologia

- ⇒ **Análise de letras de músicas** de artistas como *Racionais MC's*, *Emicida* e *Luedji Luna*, para discutir racismo estrutural, resistência e pertencimento; **Debate sobre representatividade** e estereótipos na mídia e nas redes sociais, problematizando como essas linguagens influenciam a construção das identidades juvenis; **Produção de podcasts** com relatos e reflexões sobre
- ⇒ identidade, trajetórias pessoais e coletivas, fortalecendo a escuta e a autoria dos(as) estudantes.

## Filosofia

- ⇒ **Leitura e debate de textos curtos** de Paulo Freire, Djamila Ribeiro e Ailton Krenak, com foco em temas como humanidade, emancipação, consciência e diversidade; **Debate orientado:** “*O que é ser humano em um mundo de tantas diferenças?*”, promovendo a escuta e o respeito às múltiplas visões de mundo; **Criação de frases coletivas em cartazes**, a partir da provocação
- ⇒ “*Filosofar é resistir, existir e conviver*”; **Produção de pílulas para as redes sociais** com mensagens afirmativas e valorização das identidades
- ⇒ individuais e coletivas; **Criação de um “Cinema da Diversidade” na escola**, com exibição de curtas ou trechos de filmes que inspirem reflexões sobre
- ⇒ alteridade, empatia e justiça social

## Matemática

- ⇒ **Construção de gráficos** com dados do IBGE sobre a composição racial da população brasileira (negra, indígena e branca);
- ⇒ **Debate orientado:** “*O que os números revelam sobre o racismo estrutural?*”, a partir da análise dos dados construídos;
- ⇒ **Cálculo e interpretação de índices** (escolarização, renda, acesso a serviços etc.) com base em dados reais;
- ⇒ **Produção de infográficos** para exposição no mural da escola, integrando Matemática, Artes e Ciências Humanas;
- ⇒ **Criação de painéis geométricos** inspirados em padrões das culturas afro-brasileiras e indígenas;
- ⇒ **Debate temático:** “*A matemática como linguagem universal também presente nas culturas tradicionais*”;
- ⇒ **Atividades com medidas corporais**, valorizando a diversidade física e o respeito às diferenças;
- ⇒ **Discussão sobre padrões estéticos e racismo**, relacionando proporção, forma e representação;
- ⇒ **Construção de gráficos de funções** a partir de dados de escolarização por raça/cor;
- ⇒ **Elaboração de maquetes geométricas** inspiradas em construções tradicionais (como ocas, quilombos, terreiros e aldeias).

## Ciências da Natureza

### Química

- ⇒ **Roda de conversa** sobre a relação entre corpo, estética, identidade e ancestralidade; **Montagem de modelos moleculares** com massinha, palitos ou outros materiais simples para representar as ligações químicas e compreender a estrutura da matéria; **Debate temático:** “*Como a forma e a textura dos fios de cabelo estão relacionadas à identidade e ancestralidade?*”, com abordagem
- ⇒ interdisciplinar entre Química, Biologia e Sociologia; **Experimento simples:** observação da **elasticidade e textura dos fios de cabelo** antes e depois do contato com água, explorando conceitos de ligações químicas, pH e
- ⇒ hidratação; **Produção de óleos vegetais** (como coco, abacate, andiroba) e discussão sobre seus usos em cosméticos naturais e tradicionais, valorizando saberes ancestrais e práticas de sustentabilidade; **Construção de cartazes ou**
- ⇒ **painéis explicativos** sobre as propriedades químicas de substâncias naturais usadas em cosméticos afro-brasileiros e indígenas;

⇒

- ⇒ **Reflexão coletiva:** “*A química pode ser uma ferramenta de cuidado e valorização da identidade?*”
- ⇒ **Observação de diferentes tipos de cabelo da turma** ;debate sobre racismo estético e valorização da cor natural;
- ⇒ **Construção de tabela periódica afetiva** com os elementos presentes no corpo humano.
- ⇒ **Análise de rótulos** de tinturas/alisantes; discutir riscos à saúde.
- ⇒ **Rodas de conversas** sobre estética, identidade e escolhas conscientes.

### Física

- ⇒ **Música afro-brasileira, indígena e periférica como fenômeno físico**, explorando acústica, frequência, timbre e ressonância de instrumentos como tambores, berimbau, flautas indígenas, rap e funk; **Montagem de forno solar**
- ⇒ **ou fogão ecológico**, discutindo princípios de energia, calor e sustentabilidade; **Debate sobre acesso desigual à energia e racismo ambiental**, relacionando
- ⇒ Física e justiça social; **Rádio e comunicação como resistência cultural**, com construção de rádio escolar simples (bobina + ímã) em comunidades
- ⇒ quilombolas, indígenas e periféricas; **Gravação de movimentos de danças** como samba, capoeira, toré e break, para análise de rotações, impulsos, equilíbrio, gravidade e força;

⇒

- ⇒ **Saberes indígenas e africanos sobre céu, tempo e agricultura**, com construção de mapas celestes a partir de constelações tradicionais;
- ⇒ **Estudo de invenções e cientistas negros historicamente invisibilizados**, resgatando suas contribuições para a ciência;
- ⇒ **Tecnologia da fotografia digital e celulares**, analisando o efeito fotoelétrico e sua relação com a visibilidade estética e social da população negra e periférica;
- ⇒ **Análise de como o celular transforma luz em imagem**, relacionando física óptica e ciência cotidiana;
- ⇒ **Exposição fotográfica da turma** com foco na identidade, diversidade e no protagonismo juvenil.

## Biologia

- ⇒ **Estudo de textos científicos e históricos** que positivem a biologia para a valorização da negritude e das diferenças humanas, e que também combatam a eugenia e o racismo científico; **Debate sobre como a ciência foi usada**
- ⇒ historicamente para legitimar desigualdades e preconceitos raciais; **Produção de cartazes ou reflexões** sobre ciência e direitos humanos; **Análise da diversidade fenotípica da turma**, promovendo valorização da pluralidade;
- ⇒ **Construção de árvores genealógicas afetivas** para compreender vínculos e ancestralidade; **Debate:** “*Por que o racismo se apoia em diferenças fenotípicas?*”;
- ⇒ **Produção de linha do tempo** da evolução humana destacando a ancestralidade africana; **Exposição:** “*África como berço da humanidade*”, integrando Arte, História e Biologia; **Leitura e debate de dados do SUS** sobre saúde da população negra, com discussão de desigualdades; **Roda de conversa** sobre racismo estrutural na saúde; **Construção de mapas socioambientais** da comunidade, relacionando saúde, território e preservação ambiental; **Debate sobre preservação cultural e ambiental**, destacando interdependência entre território, cultura e ecologia; **Discussão:** “*O DNA pode definir quem somos?*”, promovendo reflexão crítica sobre genética e identidade; **Produção de textos reflexivos** sobre ancestralidade biológica versus cultural; **Oficinas de valorização estética**, abordando cabelo, pele e corpos diversos;
- ⇒
- ⇒
- ⇒
- ⇒
- ⇒ **Mural coletivo:** “*Meu corpo é história, ciência e resistência*”, integrando Arte, Ciência e identidade.

# AVALIAÇÃO NA EJA: O ACOMPANHAMENTO DE PERCURSO

*O acompanhamento de percurso é ato político, é estender a mão, é olhar cada passo com cuidado, é reconhecer no estudante não apenas um aluno, mas uma história inteira que floresce na EJA.*

Na Educação de Jovens, Adultos e Idosos da Bahia, avaliar não significa apenas medir números ou registrar notas. Avaliar é acompanhar caminhos, é perceber passos, ritmos e trajetórias. É isso que chamamos de acompanhamento de percurso: um olhar vivo, atento e dialogado sobre os processos de ensinar e aprender.

Esse instrumento, que também é uma metodologia, nasce do princípio da dialogicidade dos saberes, em que cada voz importa e cada experiência conta. Avaliar, aqui, é conversar, é escutar histórias, é reorientar rotas e adequar estratégias, sempre que necessário. Como lembra a Resolução CNE/CEB nº 3/2025, no seu artigo 14:

**§1º:** A avaliação deve ser um diagnóstico, não um julgamento, abrindo caminhos para ajustar as estratégias educativas.

**§2º:** É preciso valorizar a diversidade de expressões, permitindo que cada estudante mostre o que sabe do seu jeito, com suas palavras, seus gestos e sua vivência (BRASIL, 2025, p. 5).

O acompanhamento de percurso, portanto, se firma como uma avaliação contínua e formativa. Ele rompe com a lógica da pedagogia da reprovação e se coloca como pedagogia da esperança e do desenvolvimento. Ao registrar a trajetória de cada estudante, reconhece o direito de aprender e de se formar plenamente, sem ignorar suas condições de vida e de trabalho. Mais do que um instrumento técnico, o acompanhamento é um ato político e afetivo: garante que jovens, adultos(as) e idosos(as) possam se enxergar como sujeitos de saber, respeitados em sua dignidade e valorizados em suas histórias.

Avaliar, na EJA, não é contar pontos nem medir notas é um processo que se constitui no olhar trajetórias. Os(as) estudantes do Tempo Juvenil trazem consigo uma memória muito recente sobre o processo avaliativo no ensino convencional, baseado em notas, que classificava, comparava e excluía, e isso pode causar um certo estranhamento ao ser avaliado na EJA por conceito, pois nesse percurso escolar não há mais notas para dizer quem sabe mais ou menos, mas conceitos que convidam a refletir sobre o aprender. E é nesse momento que nasce o desafio que é dialogar com os(as) estudantes, apresentar os critérios, partilhar responsabilidades. Afinal, avaliar, aqui, é um ato de corresponsabilidade, em que cada um(a) se assume como sujeito ativo de sua própria caminhada.

Não se trata de traduzir/converter notas em conceitos, mas de reinventar a narrativa avaliativa, centrada no processo de aprender. A avaliação se torna (então) memória viva do percurso, registrando avanços, reconhecendo saberes e valorizando a diversidade de histórias. O acompanhamento é composto por indicadores da aprendizagem que serão construídos durante os eixos temáticos, temas geradores e saberes necessários. Os aspectos cognitivos e socioformativos são características a serem observadas

e incentivadas no exercício da prática pedagógica, pois incluem participação, argumentação, produção, posicionamento e interpretação.

O instrumento acompanhamento é um para lançamento do processo

#### Na EJA, avaliar é...

- ✓ Escutar histórias e reconhecer trajetórias.
- ✓ Construir critérios dialogados com os estudantes.
- ✓ Valorizar conceito em vez de notas.
- ✓ Registrar avanços e respeitar ritmos.
- ✓ Incentivar participação, argumentação e criação.
- ✓ Promover posicionamento crítico e leitura de mundo.
- ✓ Transformar a avaliação em ato de esperança e justiça.

desse espaço de aprendizagem do(a) estudante aos conhecimentos das áreas, que deve ser contínuo e preenchido de forma coletiva e colaborativa, especialmente durante os Conselhos de Classe, visando atender ao registro do trabalho pedagógico desenvolvido, seguindo o calendário escolar.

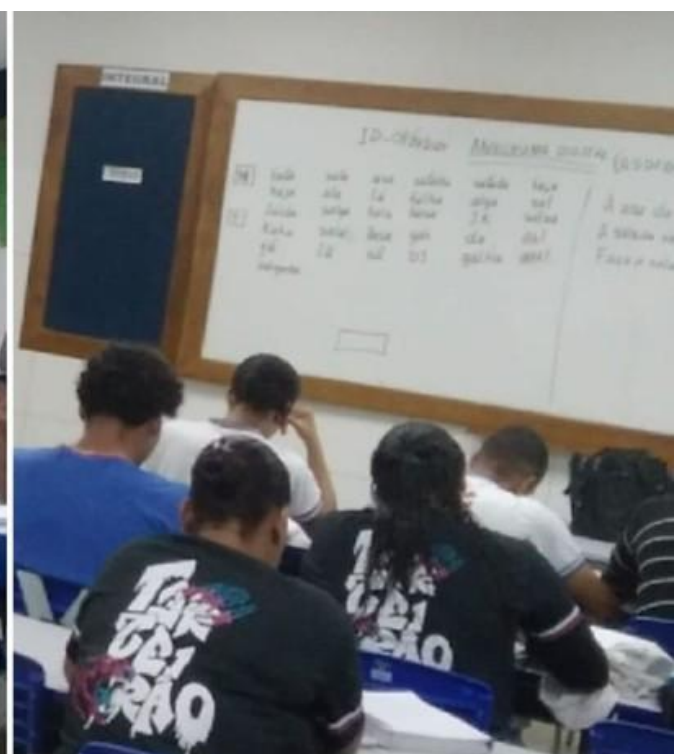


## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo de juvenilização da EJA é um chamado à escuta e ao compromisso coletivo, não pode ser reduzido à criação de uma matriz curricular própria ou à idealização de um modelo de escola. Ele nos convoca a uma pactuação social ampla, capaz de articular secretarias, unidades escolares, universidades, movimentos populares e a sociedade em geral na construção de políticas públicas que acolham e reconheçam os(as) jovens trabalhadores(as). Trata-se de uma questão complexa, porque estamos falando de sujeitos que vivem a urgência da sobrevivência, atravessados pela violência urbana, pelo racismo estrutural e ambiental, pela desigualdade social que insiste em lhes negar horizontes. Ainda assim, são jovens que carregam potências, criatividade e desejos de transformação, pois encontram brechas de esperança na escola.

Por isso, a EJA precisa ser pensada como um espaço de encontro e de possibilidades, em que o saber escolar dialoga com as experiências de vida e se converte em ferramenta de emancipação. A construção desse caminho é coletiva, feita a muitas mãos, em um movimento que revela não apenas como concebemos a educação.

Em suma, pensar essa condição de ser jovem é pensar o modelo de sociedade que nós queremos e os lugares que devem ser ocupados por esses(as) adolescentes e jovens na contemporaneidade.



## REFERÊNCIAS

BAHIA. Conselho Estadual de Educação. *Resolução CEE nº 239, de 04 de outubro de 2011*. Dispõe sobre normas complementares às Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos no Sistema Estadual de Ensino da Bahia. Diário Oficial do Estado da Bahia, Salvador, BA, 05 out. 2011.

BAHIA. Conselho Estadual de Educação. *Resolução CEE nº 53, de 12 de junho de 2018*. Dispõe sobre normas complementares às Diretrizes Curriculares Nacionais e às Diretrizes Curriculares Estaduais para a Educação de Jovens e Adultos no Sistema Estadual de Ensino da Bahia. Diário Oficial do Estado da Bahia, Salvador, BA, 13 jun. 2018.

BAHIA. Secretaria da Educação do Estado da Bahia. *Portaria nº 150, de 27 de janeiro de 2022*. Dispõe sobre a reestruturação da oferta de ensino do Tempo Juvenil na Educação Básica para adolescentes e jovens. Diário Oficial do Estado da Bahia, Salvador, BA, 29 jan. 2022.

BAHIA. Secretaria da Educação do Estado da. *EJA em movimento: procedimentos metodológicos / Secretaria da Educação do Estado da Bahia*. - Salvador, SEC, 2024. 31p.: (Concepção Teórico - Metodológica; v. 2)

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. *Resolução nº 3, de 15 de junho de 2010*. Institui Diretrizes Operacionais para a Educação de Jovens e Adultos nos aspectos relativos à duração dos cursos e idade mínima para ingresso nos cursos de EJA; idade mínima e certificação nos exames de EJA; e Educação de Jovens e Adultos desenvolvida por meio da Educação a Distância. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 16 jun. 2010.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. *Resolução CNE/CEB nº 3, de 08 de abril de 2025*. Institui as Diretrizes Operacionais Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos - EJA. Diário Oficial da União: Seção 1, Brasília, DF, 09 abr. 2025, p. 16

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). *Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar: 2019*. Rio de Janeiro: IBGE, 2021. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/bibliotecacatalogo?id=2101852&view=detalhes>. Acesso em: 30 set. 2025.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). *Censo Escolar da Educação Básica 2024: notas estatísticas*. Brasília, DF: INEP, 2024. Disponível em: <<https://www.gov.br/inep/pt-br/centrais-de-conteudo/acervo-linha-editorial/publicacoes-institucionais/estatisticas-e-indicadores/Censo-Escolar-da-Educacao-Basica-2024-notas-estatisticas>>. Acesso em: 30/set/2025.

CARRANO, Paulo. *Juventude e escolarização: entre o presente e o futuro*. Petrópolis: Vozes, 2009.

DAYRELL, Juarez. *A escola “faz” as juventudes?* Reflexões em torno da socialização juvenil. *Educação & Sociedade*, v. 28, n. 100, p. 1105-1128, 2007.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. 7. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1984.

FREIRE, Paulo. *Educação e mudança*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

SOUZA FILHO, Alcides Alves de; CASSOL, Atenuza Pires; AMORIM, Antonio. Juvenilização da EJA e as implicações no processo de escolarização. *Ensaio: aval. pol. públ. educ.*, Rio de Janeiro, v. 29, n. 112, p. 718-737, jul. 2021. Disponível em <[http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-40362021000300718&lng=pt&nrm=iso](http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40362021000300718&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 30 set. 2025. Epub 29-Jun-2021. <https://doi.org/10.1590/s0104-40362021002902293>.

SPÓSITO, Marília Pontes. *Juventude e escolarização: desafios para as políticas públicas*. *Revista Brasileira de Educação*, n. 24, p. 39-52, 2003.



GOVERNO  
PRESENTE  
**TRABALHA  
PRA GENTE**